

COMUNIDADE DA CAPELA DO HOSPITAL DE SANTA MARTA (LISBOA) II SÍNTESE PARA O SÍNODO 2021-2024



A comunidade que celebra a Eucaristia Dominical na capela do Hospital de Santa Marta, em Lisboa, na Assembleia do dia 24 de Fevereiro de 2024, respondeu ao apelo de dar eco a um dos pontos do Relatório de Síntese da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (Roma, Outubro de 2023).

Por se tratar de uma comunidade que se reúne para celebrar num hospital público, e considerando o nome – Santa Marta –, é cada vez mais consciente a vocação da comunidade de – tal como os irmãos da casa de Betânia – ser hospedeira que acolhe Jesus, agora “vestido de próximos”, oferecendo um tempo e um espaço de cuidado à comunidade hospitalar e a muitos contemporâneos que procuram viver à maneira do evangelho e que, muitos deles, se sentem feridos, tendo percorrido caminhos de sofrimento e hostilidade, em várias comunidades cristãs.

Partindo da situação e da experiência concreta da comunidade, apesar de sensíveis a todos os pontos do Relatório de Síntese, partilhamos a nossa reflexão em torno do ponto:

16. Por uma Igreja que escuta e acompanha

Que deveremos mudar para que as pessoas que se sentem excluídas possam experimentar uma Igreja mais acolhedora?

1. Reconhecemos que o acolhimento, a escuta e o acompanhamento reclamam uma escala: só uma comunidade pequena permite um conhecimento mútuo das pessoas, e possibilita que todos se sintam considerados e desejados – respeitando sempre a vontade, as características e o ritmo de cada um na dinâmica de exposição de si e de interação com as demais pessoas da comunidade. Reconhecemos a necessidade de investir em pessoas preparadas, ou que se preparem, para acolher e integrar quem chega e quem vem pela primeira vez.
2. Experimentamos a celebração da Eucaristia como o centro da vida da comunidade, «o cume para o qual tende a acção da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força» (*Sacrosantum Concilium*, 10). Por essa razão, reconhecemos que a celebração da Eucaristia pode ser e é a expressão de uma Igreja que acolhe, escuta e acompanha.
3. Para que o acolhimento, a escuta e o acompanhamento sejam autênticos, todos os carismas e ministérios na comunidade devem saber-se facilitadores, para que todos, em liberdade de consciência, participem na celebração sem precisar de justificar as suas razões ou motivações.
4. A partir das inquietações de muitas pessoas, e para concretizar – gesto após gesto – a tão desejável e salutar «desclericalização» da comunidade, operámos – e propomos à consideração – uma disposição do espaço celebrativo mais consequente com a «eclesiologia de comunhão» do II Concílio do Vaticano, resgatada e proposta insistentemente no pontificado do Papa Francisco. Colocámos o altar no centro do espaço para que a expressão «reunidos à volta do altar» seja mais consequente, e para expressarmos o carácter singular e distinto do sacrifício de Cristo, que já não acontece na lógica sacrificial da antiga aliança, num espaço separado e reservado ao uso de uma tribo separada: o presbítero preside à celebração e é a assembleia, o povo, que, pelo baptismo, é sacerdotal. Por isso, o altar está ao nível de toda a assembleia e o presbítero – cujas vestes evidenciam o seu múnus – não carece de um nível mais elevado dos restantes baptizados, nem de uma cadeira mais confortável e diferenciada do que os demais membros da assembleia. Esta disposição do espaço – caracterizado também pela austeridade, pela simplicidade e despojamento dos elementos, e pelo cuidado – é frequentemente comentada por quem vem pela primeira vez, sublinhando o seu concurso para a qualidade da celebração.
5. Além do espaço, desde a primeira hora que a comunidade é sensível ao cuidado da palavra. Reconhecemos a importância de todos os cânticos partirem do texto bíblico e de poesia inspirada no texto bíblico. Reconhecemos a importância do uso de outras traduções bíblicas na liturgia para “descongelar” os textos de uma só tradução. Reconhecemos a importância da participação espontânea da assembleia na Oração Universal.
6. Considerando a dimensão da assembleia celebrante, reconhecemos a importância de oferecer a todos a possibilidade de comungar nas espécies do pão e do vinho.
7. Reconhecemos a importância de se criarem pretextos para permanecermos juntos num breve tempo de convívio logo após a celebração. É também nesse contexto que acontece partilha da palavra e da própria vida, que permite o conhecimento mútuo, tratar-se pelo nome, estreitar laços e compromissos de cuidado, procurar soluções para problemas pessoais e/ou comunitários.
8. Reconhecemos que o voluntariado hospitalar, além de ajustado à missão da comunidade no hospital, é expressão da igreja «hospital de campanha», despojada do registo magistral, simples, em saída, em escuta, preocupada em curar feridas de relação e do caminho, preocupada em erguer, em ressuscitar.
9. Reconhecemos que todos os encontros que se possam fazer – para lá das celebrações: assembleias da comunidade, formações, retiros... concorrem para a construção da comunidade e para uma procura constante em melhorar a qualidade da celebração da eucaristia, como fonte inspiradora da acção pastoral e como consequência de todo o serviço do evangelho.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 2024